



VERSOS AMBÍGUOS EM *SOLOMBRA*,
DE CECÍLIA MEIRELES

DELVANIR LOPES

Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Docente de Literatura Brasileira / Literatura Infanto-Juvenil na Faculdade Centro Paulista (FACEP).

Contato: delvanirlopes@professor.sp.gov.br

VERSOS AMBÍGUOS EM SOLOMBRA, DE CECÍLIA MEIRELES

Delvanir Lopes

RESUMO: *Solombra* (1963), última obra madura publicada em vida por Cecília Meireles (1901-1964), deixa transparecer desde o título a possibilidade da ambiguidade. O termo arcaico que, segundo Cecília, se refere à sombra, sugere, contudo, a possibilidade de outras leituras: uma delas é perceber a luminosidade nos versos abstratos da obra, o que destoa de grande parte dos críticos. A partir daí, nos 28 poemas da obra, as ambivalências se multiplicam e evoluem para os paradoxos. O intuito principal deste artigo, portanto, é o de mostrar que a ambiguidade é presente e pertinente em *Solombra*, ampliando-se em paradoxos e em outras discussões que a obra contempla, entre elas: a morte, a angústia e a dor da existência. O auxílio à nossa leitura se dará com algumas ideias vindas da filosofia existencialista, sobretudo na figura do pensador Martin Heidegger (1889-1972) que desenvolve a discussão e nos auxilia na compreensão da possibilidade de ambiguidade em *Solombra*.

PALAVRAS-CHAVE: ambiguidade, *Solombra*, existencialismo, poesia

AMBIGUOUS VERSES IN SOLOMBRA OF CECÍLIA MEIRELES

ABSTRACT: *Solombra* (1963), last mature work published by Cecilia Meireles (1901-1964) during her lifetime, makes clear from the title the possibility of ambiguity. The term archaic which, according to Cecilia, refers to the shadow, suggests, however, the possibility of other readings: one is realize the light lines in the abstract book, which is not possible to part of the critics. From there, in the 28 poems of the work, the ambivalences multiply and evolve to the paradoxes. The purpose of this paper therefore is to show that ambiguity is present and it is relevant in *Solombra*, expanding into paradoxes and in other discussions that the work includes, among them: death, anguish and pain of existence. The aid to our essay will be given by some ideas from the existential philosophy, especially in the figure of the philosopher Martin Heidegger (1889-1972), who develops the discussion and helps us to comprehend the possibility of ambiguity in *Solombra*.

KEYWORDS: ambiguity, *Solombra*, existentialism, poetry

1. INTRODUÇÃO

Ó luz da noite, descobrindo a cor submersa
pelos caminhos onde o espaço é humano e obscuro,
e a vida um sonho de futuros nascimentos.
(MEIRELES, 2001, p. 1273)

Solombra, de 1963, foi a última obra madura publicada por Cecília Meireles em vida. O livro é considerado por muitos como a mais abstrata e de difícil compreensão, mas mantém nos versos a musicalidade e a beleza dos versos cecilianos que atraem

e fascinam o leitor. *Solombra* é, podemos dizer, misteriosa e clara, sombra e luz, ambígua o tempo todo. Assim, enquanto é ela própria instrumento de revelação e parece que nos deixa diante do conhecido, ao mesmo tempo se mostra enigmática e nos obscurece o pensamento.

Cecília Meireles, em entrevista a Pedro Bloch, afirmou ter encontrado o termo *solombra* ao acaso e que se tratava de um antigo nome para designar sombra. Contudo, o termo escolhido por ela levou, nos poucos estudos que há sobre a obra, a dissonâncias, pois carrega em si a ambiguidade e amplia a discussão sobre o jogo paradoxal de *Solombra*: sombra e claridade. O termo, antes nas sombras, ganha nova vida e novas conotações, é iluminado novamente e ilumina. Em citação que, infelizmente, só encontramos em artigo de Chrisani Mendes, que fez apurado estudo (1968) a respeito da metáfora em *Solombra*, Carlos Drummond já manifestava a ambiguidade que a palavra-título carregava:

SOLOMBRA – Sombra. Sombra só? Sol e Sombra? Sol em sombra? Em torno dela multiplicam-se as conotações que se gravam em nós, em som, forma, côm e sugestão e também em signos que temos de decifrar continuamente pois são símbolos de interrogações, especulações transcendentais. (ANDRADE, apud MENDES, 1968, não paginado)

Avistar os limites da sombra e da luz que o jogo de palavras cecilianas propõe leva à análise do interior humano que também é ambíguo e desconhecido e permeado por tênues linhas que separam a luz das sombras. Entrar em si é como arriscar-se no ignorado em que lampejos de luz surgem repentinamente e logo em seguida desaparecem engolidos pela escuridão. Isso remete às situações-limite que cercam o ser humano o tempo todo e que, de certo modo, movimentam o estar-no-mundo. O limite da sombra é a luz e o contrário também é verdadeiro, o que pode ser ampliado na afirmação de que esses dois momentos estão intimamente unidos, sempre incompletos e coexistindo latentes um dentro do outro.

Solombra admite essa compreensão paradoxal, comporta a ambiguidade: “O mistério todo está nisto. Este momento da emoção em que há claridade, mas tudo envolto na penugem da noite – a vida se recolhendo, se revisando.” (AYALA, 1964, não paginado) Depois destas considerações percebemos que a partir do título da obra podemos conjecturar que não se tratará de um livro voltado apenas à melancolia, à solidão, à sombra e à morte. Ainda que Cecília Meireles se volte para estes temas, não trabalha com eles de forma finalista e enfadonha, mas utiliza-se de tais recursos

para demonstrar a possibilidade do devir, da transformação, do processo inevitável a que a existência caminha minuto a minuto.

Se o título *Solombra*, segundo nossa interpretação, antevê que a temática da obra estará além do significado lexical da palavra, isso se verifica na leitura dos tantos paradoxos e ambiguidades que se leem nos poemas. Embora seja entendida como *sombra*, tal palavra-título *viveu de novo* e o re-nascimento sempre indica mudança. Nesse âmbito, ainda que poeticamente, podemos citar Pedro Bloch: “*Solombra*, a última obra de Cecília, quer dizer só sombra. Cecília, para nós, é só luz.” (BLOCH, 1989, p. 36)

Demonstrar de que forma se dá o movimento, nos poemas, das sombras para a luz é um dos intuitos desse artigo. O trabalho da poetisa é com a palavra que é o símbolo que permite a comunicação entre os mundos real e transcendente – ou o seu mundo e o mundo transcendente. É a própria Cecília quem, em entrevista a Walmir Ayala, afirma: “Parece que os poemas são apenas o resultado de um diálogo do espírito com o mundo. Do meu espírito ou do Espírito. [...] De permeio está, naturalmente a palavra, por ser a forma de expressão literária.” (AYALA, 1958, não paginado)

A autora percebe a palavra como o elemento que permite a comunicação entre os mundos e o poeta como aquele que trava uma relação diferenciada com ela. No entanto esse diálogo não é claro, mas sempre insinuado verbalmente. Daí o uso extremado de metáforas que levam à apreensão da essência por meio da associação de ideias e de imagens e que não pretendem ser evidentes, mas lançar o leitor a realizar uma série de associações livres. O poeta torna-se o “entre”, portanto. Na perspectiva simbolista, tão evidente em Cecília Meireles, isso lhe faculta a capacidade de entender o enigma das “correspondências” e tornar-se, como sugeria Baudelaire, um decifrador:

A linguagem cifrada não é direta, mas não está separada da realidade empírica, por isso num poema tudo pode ser visto como linguagem cifrada, tudo é linguagem da transcendência, mas para que se torne cifra depende de uma existência que a interprete, atualizando-a em sua liberdade, que é o caso do poeta. (LOPES, 2004, p. 129)

Se o poeta, enquanto existente, é o que decifra a linguagem transcendente e a torna cifra, nós podemos participar dessa relação entre o poeta e o Tu buscando o desvelamento dessas cifras. Nesse sentido a poesia de Cecília torna-se ambígua: é enigmática para clarificar, é cifra que espera revelação. A clarificação se dá aos poucos, digerindo as imagens que a poesia forma não numa interpretação imediata de

suas palavras e que, sabemos, não será jamais completa.

Isso posto, *Solombra* passa a ser um grande símbolo que o poeta-vate usa para indicar o caminho à ideia, ao pensamento. E como sabemos o símbolo sugere, mas não descreve. Assim, ainda que *solombra* faça referência direta à sombra, ela quer dizer muito mais. A pista ceciliana colocada no título do livro – nome que indica sombra – pode dar indicações ao leitor, mas não revela o enigma. Basta atentarmos para a epígrafe da obra de Cecília Meireles em que o eu-lírico está entre vozes vindas do Céu e a da Terra:

Levantei os olhos pra ver quem
falara. Mas apenas ouvi as vozes
combaterem. E vi que era no Céu
e na Terra. E disseram-me: Solombra. (MEIRELES, 2001, p. 1262)

Vozes que combatem no céu e na terra e são ouvidas pelo poeta que, entre elas, apenas levanta os olhos para tentar decifrar quem fala. Em *Solombra* não há, portanto, uma única voz que fala e todas dizem juntas “solombra”. Neste sentido poderíamos considerar como, ao menos aceitável, a hipótese de que a obra ceciliana não é só Terra, só penumbra, mas carrega outro viés, do Céu, da luz, uma vez que o céu é considerado na simbologia como princípio masculino e relacionado à claridade enquanto a terra é o princípio feminino, passivo e escuro.

O estudo analítico que faremos de alguns versos de *Solombra* procurará demonstrar neles, além da presença da ambiguidade, a evolução desta discussão para o paradoxo. Para isso nos valeremos em alguns momentos da filosofia da existência na figura de Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão. Embora não haja indícios de que Cecília possa ter sido leitora de Heidegger, de certo modo ambos trabalham com temas em comum o que os aproxima: questões relacionadas à existência humana, ao homem preso à evanescência do tempo, ao ser angustiado diante da morte e às interrogações sobre os porquês do existir. Em *Solombra*, obra escolhida para análise de alguns versos, também encontramos tais temas.

2. SOL E SOMBRA

Solombra deixa transparecer que se volta para os dois lados de uma mesma moeda: ora reveste-se de uma aura de negrume, de escuridão, de ausência; em outros momentos, ainda que mais timidamente, mas não menos ativo, revela um lado mais claro, luminoso e desvelador.

Contudo, se a aura de sombra prevalece em *Solombra* e em raros momentos a luminosidade dá algum lampejo, é natural que os estudiosos se detenham, primeiramente, nessa caracterização e que busquem em *Solombra* traços que traduzam a obscuridade, a negatividade, afinal é o que a palavra-título indica, reforçados pela declaração da própria autora. Isso se dá também pela recorrência de motivos voltados à “escuridão” na poética ceciliana que são:

a brevidade da existência, o sofrimento das condições de vida do plano terrestre, a impossibilidade de comunicação com as pessoas, o sentimento de incapacidade de mudar as circunstâncias existenciais, a necessidade de aceitação dessas condições, por serem etapas a percorrer no processo evolutivo espiritual. (MELLO, 2002, p. 191)

Mesmo a partir desses conceitos-chave e, talvez, a evidência de que se tratará de obra de sombra dividem-se as interpretações sobre *Solombra*. Na maioria delas a obra é ligada somente ao sentimento de nadificação da existência ou a um lamento repetitivo sobre o que se perdeu e ao sofrimento que isso gera no eu-lírico:

Um poeta português disse que [Cecília] escrevia à beira mágoa; a poesia de *Solombra* vem de dentro dela como enunciação feita do ponto de vista da distância e da ausência do que se perdeu. É a experiência da ruína e do sofrimento da perda que a caracteriza. (HANSEN, 2005, p. 7)

Porém há também algumas percepções dissonantes, como a de Hiudéa Boberg que percebe outro viés na obra ceciliana. Boberg encontra nos versos da obra associações que exploram a luminosidade e todas as suas relações o que cria, segundo ela, “contrastos líricos”. E acrescenta que ainda que o termo *solombra* “colabore para caracterizar a atmosfera obscura em que o ser humano se debate – o mundo sensível e suas limitações – percebe-se que também a luminosidade, ou a busca do mundo ideal, acentua-se através da vasta gama de símbolos que percorre o livro.” (BOBERG, 1989, p. 213)

A respeito do símbolo proposto por Cecília a ambiguidade permanece. *Solombra* é só sombra ou é sol, como já questionou Drummond? Ou são as duas instâncias paradoxalmente convivendo? Como vimos, na epígrafe da obra as ideias de luz e sombra aparecem unidas em *Solombra*, assinalando para uma leitura que não se prenda somente à escuridão, mas que contemple as duas instâncias. Semelhante a isso é o que lemos em alguns versos da obra:

Ó luz da noite, descobrindo a cor submersa
pelos caminhos onde o espaço é humano e obscuro,
e a vida um sonho de futuros nascimentos. (MEIRELES, 2001, p.
1273)

Sobre um passo de luz, outro passo de sombra. (MEIRELES, 2001, p. 1277)

As instâncias sol e sombra estão sempre no limiar, no umbral e na obra são inseparáveis já que uma só tem significação a partir da existência da outra. O limite entre ambas é que indica a possibilidade de transição e de transcendência, ou seja, o que aparentemente separa é o que pode unir. Perceberemos que a fronteira tão delicada de luz e escuridão é um dado positivo em *Solombra* e que ela acaba levando à discussões mais profundas, entre elas, a discussão a respeito do paradoxo.

3. AMBIGUIDADES E PARADOXOS EM *SOLOMBRA*

A ambiguidade, propriedade presente nas unidades linguísticas (morfemas, palavras, locuções, frases), é a admissão de mais de uma leitura, embora o contexto linguístico acabe indicando frequentemente qual a interpretação correta a ser dada. Contudo, na linguagem poética nem sempre o processo interpretativo mostra-se tão simples. Em *Solombra* o ponto de partida dos comentários é a ambiguidade constante na obra entre a luminosidade e a escuridão. Esta ideia principal permanece e amplia-se na discussão do paradoxo.

Conforme afirmação de Margarida Maia Gouveia a escrita ceciliana é a de um “discurso do paradoxo” em que realidades heterogêneas coexistem, transfigurando a visão de mundo estabelecida: “a uma temática motivada pela vida como exílio e sofrimento, pela dispersão e cisão do eu, é oposta a consideração da poesia como diálogo possível e como presença que configura poeticamente o mistério.” (GOUVEIA, 2002, p. 143) E esta escrita paradoxal é evidente em *Solombra* o que faz com que a leitura dos versos da obra ofereça várias interpretações e que os sentidos das palavras mostrem diferentes pontos de vista.

O paradoxo apresenta uma aparente falta de nexos, uma contradição entre duas ideias quando referentes à opinião comum. No sentido existencial, segundo Kierkegaard (1813-1855), o paradoxo é um argumento que por ser inusitado reflete o absurdo em que está imersa a existência humana. O paradoxo é interessante porque propõe algo que aparentemente não pode ser tal como se diz que é. Por exemplo: como pode sol e sombra estar convivendo numa mesma palavra? Vejamos alguns

outros momentos em que os paradoxos estão presentes em *Solombra* e o modo como eles refletem nas demais concepções da obra. O primeiro poema assim se inicia:

Vens sobre noites sempre. E onde vives? Que flama
pousa enigmas do olhar como, entre céus antigos,
um outro Sol descendo horizontes marinhos? (MEIRELES, 2001, p.
1263)

Nessa estrofe percebemos que o eu-lírico está em diálogo com o Tu, diálogo esse que permeia toda a obra. Questiona-o duas vezes. Na primeira procura situá-lo para que não precise esperar sempre pela sua manifestação na noite, mas também possa saber onde encontrá-lo caso queira. Este pensamento se repete em outro poema do livro, onde lemos: “Dizei-me onde é que estais, em que frágil crepúsculo!” (MEIRELES, 2001, p. 1279) Já a segunda pergunta é mais abstrata e bastante simbólica. Nela o Tu é comparado a “outro Sol”. O paradoxo dessa questão está em o sujeito-lírico afirmar que o Tu traz a *flama* que *pousa enigmas do olhar*. Ou seja, aparentemente contraditório, o Tu que deveria clarear utiliza-se da luz para trazer ainda mais enigmas ao eu-lírico quando o mais óbvio seria que viesse para terminar com as dúvidas, iluminar a sua existência. Desse modo o que é aparentemente evidente acaba por tornar-se ainda mais obscuro.

Tal ambiguidade é qualidade do Tu que surge em momentos de extrema escuridão e a luz que porta aumenta as dúvidas do sujeito-lírico. Em outros versos de *Solombra* o mesmo paradoxo aparece e por isso o consideramos uma figura-chave na obra: ele revela e esconde num movimento contínuo. Tais versos parecem ofuscar a verdade das coisas e contrariar o pensamento humano lançando desafios à inteligência. O caminho que leva à descoberta da verdade é paradoxal porque parece ser ilógico.

O *Sol descendo horizontes marinhos* remete-nos ao crepúsculo, que é a luminosidade que se produz no céu entre a noite e o nascer do sol ou entre o pôr-do-sol e a noite devido à dispersão da luz solar na atmosfera. O Ser está neste limiar da luz do dia e da escuridão da noite. É um misto de luz e sombra, é o lusco-fusco. É onde a mudança acontece, seja para adentrar na noite ou para sair dela: “No entardecer, o dia se põe num poente que não é nenhum fim, mas somente a inclinação para preparar aquele declínio pelo qual o estrangeiro adentra o *começo* de sua travessia.” (HEIDEGGER, 2003, p. 419)

Os paradoxos vão se multiplicando justamente porque as palavras-símbolo escolhidas comportam a ambiguidade: o Tu que vem *sobre noites* – e noite é símbolo

de ignorância e insegurança, mas também o momento em que as revelações podem acontecer; a flama que *pousa enigmas* – onde os sentidos dos símbolos são invertidos; o sol que desce *horizontes marinhos* – e que nesse movimento provoca não a morte, mas o renascimento dos dias.

Analisemos outros versos de *Solombra* em que os paradoxos também são evidentes:

Há mil rostos na terra; e agora não consigo
recordar um sequer. Onde estás? Inventei-te?
Só vejo o que não vejo e que não sei se existe.
[...]

Qualquer palavra que te diga é sem sentido.
Eu estou sonhando, eu nada escuto, eu nada alcanço.
Quem me vê não me vê, que estou fora do mundo. (MEIRELES,
2001, p.1264)

O poema como um todo se refere ao eu-lírico que, aparentemente, está desanimado com o diálogo com o Tu porque este parece não se efetivar. O Tu que vinha *sobre noites* no primeiro poema de *Solombra* agora tem a existência colocada em dúvida quando o sujeito-lírico diz: *Onde estás? Inventei-te? Só vejo o que não vejo e que não sei se existe*. Assim, ao mesmo tempo em que desconfia da existência do Tu não quer acreditar que ele seja invenção de sua mente, uma vez que ele “vem”, ainda que na escuridão.

Os *mil rostos na terra* não dão indicação de como seja o Tu ou, paradoxalmente, podem ser caminhos para a relação com ele. Para o eu-lírico, porém, é como se eles não existissem, não se recorda de nenhum deles. O que importa é a relação dele com o Tu e nada mais. O modo de manifestação do Tu não é comum e a relação que trava com o sujeito-lírico é de confiança, afinal o que não vê pode experimentar e isso lhe basta; entrega-se a ele sem o ver – *só vejo o que não vejo*. Tais palavras indicam a relação mística que há entre o Tu e o eu-lírico, uma relação de confiança incondicional. Não é preciso ver para crer, mas demonstrar a procura pela possibilidade de comunicação com o espiritual. O Tu está presente em tudo, pessoas e coisas. Contudo, ele só se mostra para quem estiver livre para vê-lo, o que só é possível quando o indivíduo se desprende da relação utilizável com as coisas. Heidegger chamará o contrário disto de “vida inautêntica”, que é o fato de nos deixarmos absorver em nossa relação com os objetos e por conta disso não enxergarmos mais nada.

No segundo terceto do mesmo poema o eu-lírico continua se dirigindo ao Tu, mas amplia esse diálogo ao outro que está no mundo como ele dizendo: *Quem me vê*

não me vê, que estou fora do mundo. Assim, o mesmo paradoxo que se apresentava diante do Tu, quando o eu-lírico dizia “ver o que não via” mostra um paralelo nesse terceto em que o outro que “vê o eu-lírico não o vê”, já que está *fora do mundo*. Os motivos são bastante parecidos. Nesse caso estamos pensando no mundo real em que, caso viva-se na inautenticidade, *Qualquer palavra que [se] diga é sem sentido* ou é como um sonho que retira o eu-lírico da realidade.

O ser humano não existe da mesma forma que as demais realidades, mas ele é o “lugar” em que o mundo pode se revelar com uma infinidade de ângulos e vieses interpretativos. Por isso está no mundo, mas não pertence a ele, como vimos. Em *Solombra* o eu-lírico apresenta-se como o ser-no-mundo, mas não do-mundo, o que significa dizer que percorre seu caminho existencial na trama da existência fazendo uso das coisas para atingir seu projeto maior que é o vir-a-ser. Chrisani Mendes, que estudou a obra poucos anos depois da sua edição, salientou que “*Solombra* é o fora-do-mundo de Cecília Meireles” (MENDES, 1968, não paginado), ou seja, as coisas do mundo não são fins, mas meios para o eu-lírico vir-a-ser autêntico. Estar no mundo, mas não pertencer a ele – *estou fora do mundo* -, é o que nos diz o eu-lírico de *Solombra*.

Assim, ao ver o eu-lírico o que se vê é a sua aparência e não o que se passa em seus pensamentos ou quais são seus anseios. O maior deles é o desejo de relacionar-se com o Tu. A atitude de ser *fora do mundo* torna o eu-lírico preparado para o diálogo: percebe que deve utilizar-se das coisas caso estas sirvam para elevá-lo até o Tu, transcender. Desse modo é que ver o sujeito-lírico é o mesmo que não vê-lo por completo.

Podemos, por fim, entender também algumas expressões de *Solombra* como oximoros, uma antiga figura poética em que se combinam palavras ou expressões que além de contrastantes são contraditórias, assemelhando-se ao paradoxo. Tais expressões que parecem excluírem-se mutuamente, no contexto reforçam a expressão. Citemos alguns dos oximoros encontrados em *Solombra*: “Ó luz da noite...” (MEIRELES, 2001, p. 1273) e “é que morremos – e num lúcido segredo” (MEIRELES, 2001, p. 1281). Neles Cecília Meireles revela-se extremamente engenhosa com as palavras, aliando o que poderíamos achar comumente contraditório. Na verdade, em poucas palavras a escritora encerra um profundo sentido ao seu livro *Solombra*, alimentando as indagações e as interpretações acerca de sua obra. Ou seja, esconde e clareia ao mesmo tempo, como o “claro enigma” drummondiano.

Reforçando o que dissemos, Margarida Maia Gouveia afirma que é frequente encontrar em Cecília “uma estrutura antitética, em certos casos da natureza do oximoro, que se sente procurar expressar o que de exprimível é possível numa relação com o transcendente”. [...]. Na poesia de Cecília, tudo tende a resolver-se no seu contrário. (GOUVEIA, 2002, p. 143) No oximoro, que é utilizado na poesia mística como um jogo de conceitos que favorece a contemplação, os contrários coincidem. Assim é que em *Solombra* os oximoros também fazem sentido e reforçam ainda mais as figuras do paradoxo e da ambiguidade, presentes em vários momentos da obra.

4. CONCLUSÕES

Pelas considerações feitas podemos ponderar como provável a hipótese de que a obra cecilianiana não é só penumbra, mas carrega outro viés, o da luz. Isso posto só reforça nossa proposição sobre o caráter polissêmico do símbolo proposto por Cecília Meireles: *Solombra*. Heidegger, pensador alemão, em *A caminho da linguagem*, também reforça o traço da poesia ter múltiplos sentidos: “Não conseguiremos escutar nada sobre a saga do dizer poético enquanto formos ao seu encontro guiados pela busca de um sentido unívoco.” (HEIDEGGER, 2003, p. 63) Esta consideração do pensador alemão reflete, por sua vez, a proposta dos simbolistas: a palavra, enquanto símbolo, permite múltiplas associações.

Cecília Meireles alimentou a ambivalência e trouxe enigmas ao seu leitor o que torna a sua obra sempre por descobrir, sempre pronta para novas abordagens, sem se esgotar e abandonando a obviedade. É a tal “poesia filosófica” amparada na vida que faz nascer em Cecília esse simbolismo tão *sui generis*. (MERQUIOR, 1960, p. 7) São manifestações que não podem ficar encerradas em palavras porque elas sempre dizem algo mais.

Em Cecília Meireles, de modo especial *Solombra*, o que entendemos como limitado ganha dimensão de ilimitado, o aparentemente contraditório e ilógico mostra seu lado de verdade e coerência. Acreditamos que os jogos paradoxais conferem movimento aos poemas, instigam ainda mais o leitor que já havia ficado intrigado com o título perfeitamente eleito pela poetisa.

As estruturas antitéticas por ela propostas conseguem expressar de modo condensado o que não é de fácil expressão: a relação com o transcendente e com o mundo. Neste sentido é que a partir dos paradoxos podemos encontrar na leitura de Cecília Meireles um ponto de vista que não se prende somente à dor, solidão e a

angústia, justamente pelo fato de que tais elementos, quando aparecem, são trampolins para momentos de esperança, renovação e transcendência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA, W. Solombra: um livro de Magia. In: **Leitura**. Janeiro 1964. (Resenha de Livros)

_____. A véspera do livro: Obra Poética de Cecília Meireles. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 30/11/1958. (sem paginação).

BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. In: _____. **Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira: entrevistas**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1989, p. 31-36.

BOBERG, H. T. R. **O canto e a lida - percurso esotérico e místico da poesia de Fernando Pessoa e Cecília Meireles**. 1989. 292 f. Dissertação (Mestrado), UNESP/FCLAssis, 1989.

GOUVEIA, M. M. **Cecília Meireles: Uma poética do eterno instante**. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

HANSEN, J. A. **Solombra ou a sombra que caiu sobre o eu**. São Paulo: Hedra, 2005.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis (RJ): Editora Vozes/ Editora Universitária São Francisco, 2003.

LOPES, D. **A poética de Cecília Meireles e a relação com a Filosofia da Existência – ou da angústia e transcendência em Metal Rosicler**. 2004. 224 f. Dissertação (Mestrado) – UNESP/ FCL-Araraquara, 2004.

MEIRELES, C. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MELLO, A. M. L. Viagem aos confins da noite: *Solombra*. In: **Poesia e Imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MENDES, C. A Metáfora e Cecília Meireles (Estudo Crítico de Solombra). **Jornal de Letras**, RJ, Faculdade de Direito de Petrópolis, 8/1968 (não paginado).

MERQUIOR, José G. Poesia para amanhã: *Metal Rosicler*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1960, Suplemento Dominical, p. 7.